

Participação brasileira no processo de globalização depende do ajuste

por Sandra Gomide
de São Paulo

"O Brasil possui hoje pelo menos duzentos produtos com participação significativa na pauta de exportações e, por isso, não poderá deixar de enfrentar o processo de globalização econômica mundial. Para isso, no entanto, terá que alcançar a estabilidade econômica, sem a qual não haverá solução para seus problemas."

A avaliação é do ministro da Fazenda, Rubens Ricupero, que acredita que a estabilização da economia e a conseqüente queda da inflação são requisitos fundamentais para resolver os problemas sociais, gerar mais empregos e, com isso, participar mais ativamente do processo de globalização da economia mundial.

"Estamos dando os primeiros passos para isso com o Plano Real (ver cobertura sobre o plano nas páginas 5 a 7). O crescimento de 7% da indústria e de 10% da massa salarial no primeiro trimestre deste ano demonstra que estamos no caminho certo", disse ontem o ministro durante a palestra na conferência internacional sobre Governabilidade: Países Grandes e a Economia Política de Escala, promovida em São Paulo pelo Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial.

Ricupero divide a participação dos países na nova ordem econômica em dois papéis: os países centrais e os periféricos. Os primeiros seriam aqueles que se encontram em estágios mais avançados de desenvolvimento e exercem forte atração econômica sobre os periféricos, que seriam menos desenvolvidos e mais ligados aos centrais. Um exemplo seria o caso dos Estados

Unidos e suas relações comerciais com o Canadá e o México, que formam o Acorde de Livre Comércio da América do Norte (Nafta).

Alguns países, no entanto, estão hoje em situação muito peculiar e enfrentam problemas sócio-econômicos semelhantes. É o caso do Brasil, China, México, Índia e Rússia, que possuem vasto território, economia em desenvolvimento, população

superior a 150 milhões de habitantes e más condições de infra-estrutura.

O economista norte-americano Jeffrey Sachs, que assessorou os governos da Argentina, Bolívia, Polônia e Rússia na implantação de seus planos de estabilização econômica, coloca o Brasil e a Rússia na condição de "irmãos gêmeos" (ver matéria nesta página).

"Os dois países têm governos falidos, precisam de reformas constitucionais e institucionais e precisam da ajuda dos países mais ricos. Além disso, os dois se esforçam para implementar o regime democrático, um grande desafio para eles", afirma Sachs.

Segundo ele, a crise da dívida brasileira dos anos 80

surgiu devido à má administração pública e reflete principalmente a falta de supervisão e responsabilidade dos regimes militares.

Um estudo do professor Robert Putnam, diretor do Centro de Política Internacional da Universidade de Harvard, demonstra a importância da participação comunitária no desenvolvimento italiano dos últimos vinte anos. A região Norte da Itália, onde as comunidades eram mais participativas, teve crescimento notável nas áreas de saúde, educação, enquanto na região Sul, onde o conceito de cidadania não é muito desenvolvido, os regimes de administração participativa demonstraram-se um fracasso.